

## As pinturas prè-históricas do Cachão da Rapa

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto,  
conservador do Museu Antropológico

Não sei porquê, tive sempre o pressentimento de que as pinturas do Cachão da Rapa—por quási todos os autores mais recentes (1) consideradas como desaparecidas—existiam ainda, e, mais dia menos dia, alguém as havia de redescobrir.

Em Outubro de 1930, estando em Vilarinho da Castanheira a excavar os dolmens ali existentes, dei conta ao pároco da freguesia, sr. P.<sup>e</sup> J. Teixeira Lopes, de que dali seguiria para Linhares onde ia procurar as célebres pinturas do Cachão da Rapa. Aquele sacerdote, que tão amavelmente me recebera em sua casa, lembrou-me a conveniência e o interêsse que haveria em ser ouvido sôbre o assunto um seu paroquiano já velho, o sr. Gaspar, que durante muitos anos fôra *marinheiro* (2) e era conhecedor como

---

(1) Pela nota 2 da pág. 9 do trabalho de Juan Cabré Aguiló, *Arte rupestre galego y português (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*, in «Memórias publicadas pela Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais», II, Lisboa, 1916, vê-se que também o Prof. Leite de Vasconcelos não supunha desaparecidas as pinturas do Cachão da Rapa.

Possidónio da Silva na nota que sôbre as pinturas do Cachão da Rapa publicou no «Boletim da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeólogos Portuguezes», n.º 5, tomo V, 1887, nota que só me foi dado consultar em Julho de 1933 na Biblioteca da Associação dos Archeólogos em Lisboa, dá não só as pinturas como existentes, mas faz ainda a sua localização perfeita.

(2) *Marinheiro* é designação dada àqueles que nos barcos rabêlos faziam e ainda hoje fazem a tormentosa viagem do alto Douro até ao Pôrto, e o afadi-

poucos de todo o rio Douro, desde o Saltinho em Freixo de Espada à Cinta até ao Pôrto.

Foi para mim proveitosa a conversa que tive com aquele homem que durante 40 anos descera e subira o Douro inúmeras vezes.

O velho marinheiro não conhecia as pinturas em que eu lhe falava, nunca ouvira mesmo aludir a tal coisa.

Interrogado sôbre a localização do Cachão da Rapa, informou-me de que conhecia duas Rapas (1), uma, a Rapa Nova, perto do apeadeiro da Alegria, outra, a Rapa Velha, mais abaixo, quasi em frente à Quinta de S. Martinho, um pouco a montante do Tua.

Desde que se tratava de procurar um documento prè-histórico, seria pela Rapa Velha que iria dar comêço às minhas pesquisas.

Abalei porisso para o Tua. Ali chegado fui procurar o barqueiro de S. Martinho, que me poderia dar indicações seguras sôbre a Rapa Velha, segundo me informara em Linhares o velho marinheiro.

Na passagem para a margem esquerda do rio Douro fui conversando com o barqueiro, dei-lhe conta dos informes que colhera em Vilarinho da Castanheira e disse-lhe o que procurava. Êle melhor que ninguém poderia informar-me do sítio das pinturas.

Aquele homem tostado pelo sol, empunhando na mão direita a espadela e na esquerda o remo, ouvia-me com certo espanto e olhava-me um pouco de soslaio. Vi-o trocar olhares com o guia que eu tomara no Tua, como que a querer abrandar o seu es-

---

gado regresso às terras trasmontanas, para de novo carregarem dezenas de pipas do precioso vinho chamado do Pôrto.

O nome de *barqueiro* é reservado àqueles que num vai-vem contínuo fazem a travessia de passageiros e alimárias duma à outra margem do rio.

(1) Por amável informe do distinto arqueólogo sr. José de Pinho soube da existência duma outra Rapa também na margem do rio Douro, mais a juzante, em termo de Sinfães.

panto e procurar explicações para o entusiasmo com que eu lhe falava dos sinais pintados num penedo daqueles sítios. Eu não sei o juizo que aquele homem fêz a meu respeito: acredito que não fôsse lisonjeiro. O que sei é que em dada altura, já o barco abicára à margem de lá, e depois de me ter apontado o Cachão da Rapa que dali bem se via no sítio do túnel, o robusto barqueiro, com ar bem sincero e concludente, atirou-me aos ouvidos esta frase que me deixou aturdido:

— Pois meu senhor. Tenho quasi cincoenta anos, fui aqui nascido e criado, sou barqueiro há muito ano, em rapaz andei muita vez aos ninhos por aquelas fragas do Cachão da Rapa, e nunca vi lá essas pinturas que o senhor diz, nem em tal ouvi falar aos meus velhos.

Regressado à margem direita, estirei-me no areal. O cepticismo categórico daquele barqueiro fez-me succumbir. O sonho que eu acalentava, de existirem ainda as pinturas do Cachão da Rapa, esvaía-se num instante diante das palavras terminantes daquele homem que eu via seguir a meio do rio encaminhando o barco para a margem oposta. Assim estive um bom pedaço.

De repente ergui-me. Já que até ali tinha chegado, não deixaria de ir ao Cachão da Rapa. Segui linha acima até à bôca do túnel. Recomendêi ao guia que me esperasse ali. Eu iria sozinho, e a-pesar-de tudo, pesquisar aquelas penedias. Desci quasi à borda do rio, mal me segurando nas fragas polidas da margem. Havia ali uma garganta por onde subi. Inspeccionava de alto a baixo tôdas as fragas. Entrei num buraco que os enormes blocos de granito acavalados determinavam. Nada que se parecesse com a grande sala, com larga mesa e assentos à roda, de que fala Contador de Argote adiante transcrito.

Fui subindo não sem embaraço e perigo. Tive de fazer verdadeira acrobacia. Em dada altura da ascensão estive a desistir, tal era a dificuldade na subida. Engatinhando pelas frinchas das

rochas consegui alar-me até aos fragedos que cavalgam o túnel. Então na face lisa e esbranquiçada dum enorme bloco de granito fui deparar com as pinturas ainda em rasoável estado de conservação.

É fácil imaginar a minha alegria ao ver que um tão curioso e interessante documento prè-histórico existia ainda e em estado tal que permitia fazer o seu estudo.

Nos dias imediatos voltei munido duma escada e duma corda, o que me facilitava a subida.

Só ao terceiro dia é que, por acaso, dei com uma passagem pela parte de cima, que, embora não muito cómoda, permitia contudo um acesso mais fácil, dispensando a corda e a escada.

Em Outubro de 1931 voltei ao Cachão da Rapa para fazer uns clichés fotográficos. Encontrei à superfície da pouca terra duma plataforma existente na base do rochedo pintado, um pequeno fragmento de cerâmica manual ornamentado por incisões onduladas. Isto levou-me a proceder a uma escavação cuidada que me forneceu numerosos fragmentos de cerâmica manual grosseira, muitos deles com incisões ornamentais, e ainda um pequeno machado polido por acabar.

Em Outubro de 1932 voltei de novo ao Cachão da Rapa não à margem direita onde estão as pinturas, mas à margem esquerda fronteira, para dali fazer um cliché que mostrasse bem a aridez e a aspereza daquele sítio agreste.

De tôdas as vezes colhi notas, fiz clichés e desenhos que me permitem elaborar esta notícia sôbre as interessantes pinturas do Cachão da Rapa às quais o notável arqueólogo espanhol Juan Cabré (1) se referiu em 1916 nestes têrmos:

(1) Juan Cabré Aguiló, *Arte rupestre galego y portugués*, op. cit.

«Si desgraciadamente se confirma la sospecha de Correia, [Vergilio Correia] que ha desaparecido este monumento artistico será una pérdida inmensa para la ciencia y el arte de la Peninsula ibérica, pues desconozco pinturas análogas, y tan solo poseemos grabados paralelos a las mismas. Dicho monumento, por el colorido de sus signos era único, cuyo estudio, realizado en las circunstancias presentes de preparación especial, auguraria um éxito feliz para el conocimiento del pueblo que lo consagró».

\*

\* \*

Quem pela primeira vez tratou das pinturas do Cachão da Rapa fôram o «P.º João Pinto de Moraes, reitor de S. João Baptista, extra-muros de Anciães e Antonio de Sousa Pinto», num manuscrito de 1721, intitulado *Memórias de Anciães*, que, com outros manuscritos, foi encadernado no volume *Relação de Vila Real*, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa (códice A-6-8, n.º 222). No verso da fôlha 23 do manuscrito e 173 do volume, lê-se:

«*Letras de Linhares*: E como nos limites desta aldeia e julgado de Linhares haja algumas cousas memoraveis suponho que a Camara dela na conta que deu fizesse menção delas, contudo como elas são tambem da possessão desta vila pelo seu domínio, não é razão que figure aqui por contar como são na verdade com a advertencia que se a Camara do dito julgado sobre elas e o que delas atrás se trata disserem alguma cousa em contrário do que aqui se narra falam com menos verdade.

Ha em o distrito desta aldeia meia legoa dela 20 passos do rio Douro, por cima do Cachão da Rapa em um grande rochedo de fragas despenhadas ao mesmo rio um alto penedo, que no

discurso (*sic*) de 30 palmos de alto abaixo, e largueza no baixo, e alto de 8 palmos, e no meio 12, estão gravados com vivas cores das que aqui se mostram muitos caracteres dos que vão com as quatro estampas adiante, de que todos sendo necessário se remetera a estampa por bem se lhe poder tirar por suas vivas cores, que a tradição tem se reformam todas as manhãs de São João Batista com que sem duvida se acham renovadas; em a dita distancia, que está muito lisa sem musgos, estando deles coberto todo o mais penedo. Com a advertencia de que pondo-se uma pessoa a olhar para ele, fica com as costas entre norte e poente e lhe ficam os que parecem dados à mão esquerda e os que parecem caracteres à direita tudo em muita quantidade na altura e largueza da dita pedra, de que aquele sitio tem o nome de Letras.»

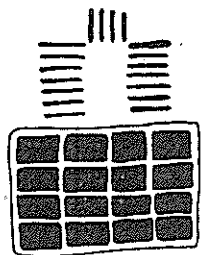


Fig. 1  
Um dos «caracteres» de Linhares, segundo as *Memórias de Anciães*, onde figura com estes dizeres: «tem o círculo azul e o que vai em preto vermelho».

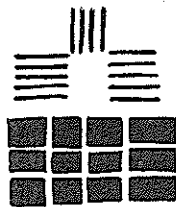


Fig. 2  
Representação de Linhares, seg. as *Mem. de Anciães*, com esta indicação de cor: «É pintado tudo com tinta azul».

A última parte desta transcrição vem no alto da fôlha 24 do manuscrito *Memórias de Anciães* e 176 do volume *Relação de Vila Real*.

O resto da fôlha está ocupada com os desenhos que reproduz nas figs. 1, 2 e 3.

No verso da dita fôlha, lê-se:

«*Sallas das letras*: Descendo desta pedra em que estão estampas e caracteres para a parte que olha para o rio Douro está um portal ao que parece obra da natureza e entrando por ele dentro se acha em pedra firme uma grande sala com assentos, à roda, e no meio uma grande meza tudo de pedra, como dizem

peessoas que nele tem entrado que afirmam ver-se desta sala outra porta que vai para outras que estão mais para dentro, adonde os presentes não tem entrado com pavor: porque intentando faze-lo com sobrepeliz e estola em uma manhã de São João

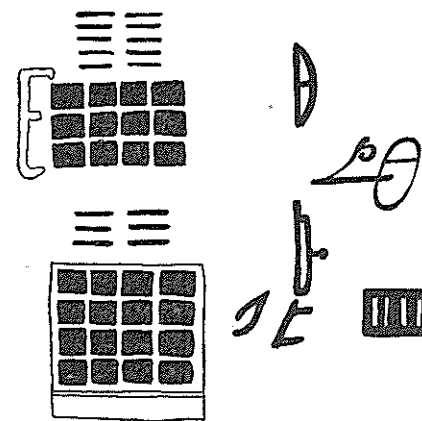


Fig. 3—«Caracteres» de Linhares, seg. *Mem. de Anciães*. As côres são indicadas desta forma: no sinal em xadrez do alto, «isto que parece letra é azul e o mais vermelho»; no outro xadrez, «o círculo azul e o que vai em preto vermelho»; e para o grupo de sinais da direita, «o branco nestes é vermelho e o preto azul».

em que se reformam as letras acima.....  
Mendes confirmado que foi de San..... do lugar de Ribalonga no ano de 1687..... para desenganar o vulgo, que diz estar ali um grande tesouro encantado ou por imbição (*sic*) de haver ali achando-o, depois de entrar aquela primeira sala intentando entrar a 2.<sup>a</sup> lhe deu tal fedor e pavor que fez-se tremulo, e insensato e a poucos dias lhe caíram os dentes e nunca mais falou de sorte que se entendesse».

É ao P.<sup>o</sup> Jerónimo Contador de Argote <sup>(1)</sup> que cabe, senão a honra de pela primeira vez falar nas pinturas do Cachão da

(1) Contador de Argote (Jerónimo). Clérigo regular teatino (?), nascido em Colares em 8 de Julho de 1676 e falecido na casa de S. Cactano de Lisboa

Rapa, pelo menos o mérito de as apreciar devidamente, conferindo-lhes um alto valor. Acresce que as suas descrições fôram impressas. É sobretudo interessante o juízo de Argote quando, referindo-se à possível origem das pinturas, diz: «Nem a fabrica, nem os caracteres da obra indicão ser dos Romanos»; e mais adiante: «O que parece he, ser obra do tempo da gentilidade, ou fosse no tempo dos Romanos, ou antes».

Prestemos, neste momento, o nosso preito de homenagem, áquele benemérito erudito do século XVIII a quem Cabré (1) chama «la segunda figura de más relieve de la trinidad primitiva de investigadores de arte rupestre de la Peninsula Ibérica» (2).

Por duas vezes se referiu o P.<sup>o</sup> Jerónimo Contador de Argote às pinturas do Cachão da Rapa.

A primeira vez fê-lo no tómo II das suas *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga Primaz das Hespanhas*, publicado em Lisboa, em 1734.

Quando em 1738, publicou o seu *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, volta a ocupar-se das mesmas pinturas.

De ambas as vezes acompanha o texto com uma gravura de Debrie, na qual se procurou representar a composição pictográfica do Cachão da Rapa. Vai reproduzida na fig. 4.

Parece que Contador de Argote não chegou a vêr as pinturas. Não foi êle quem as copiou, nem tão pouco quem as examinou, visto que a primeira vez que delas nos fala o faz sôbre elementos que João Pinto de Moraes e António de Sousa Pinto

a 9 de Abril de 1749. Vestiu a roupeta aos 12 anos de idade e foi membro da Academia Real de História e da Portuguesa, etc. Além de diferentes opúsculos e sermões, publicou: *De antiquitatibus Conventus Bracaraugustani libri*, Lisboa, 1738, e as *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, etc., 4 vols., 1732-1747. (Notícia biográfica da Enciclopédia Espasa).

(1) Juan Cahré, op. cit., pág. 4.

(2) Trata-se de Lope de Vega, Argote e Lopez de Cárdenas.

enviaram, elementos que a seguir compara com a descrição que delas lhe fêz o P.<sup>o</sup> Joseph de Macedo Rosales.

Vejamos os termos em que Argote se refere às pinturas do Cachão da Rapa.

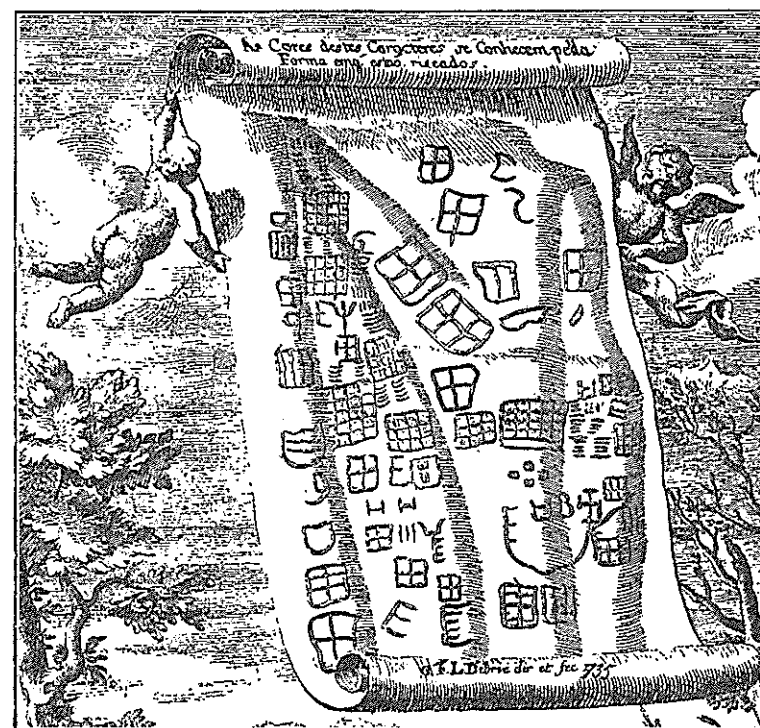


Fig. 4 — As pinturas do Cachão da Rapa, segundo Contador de Argote

A pág. 483 e segs. do tómo II das *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, Lisboa, 1734, lê-se:

«No districto de hum Lugar chamado Linhares, termo da Villa de Anciaens, meya legoa do Lugar, e a vinte passos do rio Douro, por cima do Cachão da Rapa, está hum grande rochedo, que se despenha para o rio, e no rochedo hum penedo de trinta.

palmas em alto, o qual de tal sorte se alarga, e estreita, que em cima, e em baixo tem oito palmas de largura, e no meyo doze. Em a superficie, e face deste penedo estão gravados de azul, e vermelho com cores muy vivas os caracteres seguintes.

«Estes caracteres, diz a gente daquellas terras, que se reformão todas as manhãs de S. João, e Antonio de Sousa Pinto, na Relação, que mandou à Academia affirma ser assim. O que não tem duvida he, que a pedra na face dos caracteres está toda liza, e no restante coberta de musgo. No fundo desta pedra, em que estão os sobreditos caracteres, para a parte que olha para o rio Douro, está hum portal, que parece obra da natureza, e entrando por elle dentro, se acha em pedra firme huma grande sala com assentos à roda, e no meyo huma grande mesa, tudo de pedra, segundo dizem pessoas que alli tem entrado, e affirmão ver-se desta sala huma porta, que vay para outras mais para dentro, onde todos receão entrar, porque intentando fazê-lo em huma manhã de S. João o Padre Domingos Mendes, com sobrepeliz, e estola, no anno de 1687, para desengano dos que dizem existir ali hum grande thesouro encantado, ou por outro motivo, ao entrar da sala inferior se encheo de tanto medo e sentio um cheiro tão fetido, que ficou tremulo e insensato, e a poucos dias lhe cahirão os dentes, nem fallou mais de sorte que se entendesse bem.

«Tudo o que temos dito he extrahido das Relações que Antonio de Sousa Pinto e o Reytor João Pinto de Moraes mandarão à Academia Real. Outra Relação particular deste penedo mandou a esta nossa casa de Nossa Senhora da Divina Providencia Joseph de Macedo Rosales, assistente em S. João da Pesqueira, Villa situada nas margens do Douro, da parte da Provincia da Beira o qual ordenou a seu irmão Antonio Rosales de Carvalho, morador no Lugar do Nogarelo, perto do penedo de que se trata, o examinasse; e para que se veja o em que concorda, e o em

que differe do que fica dito, a copio aqui e he a seguinte: *Entre o Cachão da Rapa e a Pesqueira de Marulho está huma Penha de Além Douro, limite do concelho de Anciaens, Comarca da Torre de Moncorvo, está proxima à corrente do rio, mas onde as aguas delle não chegão. Abre uma faxa na dita penha que terá trinta palmas de alto, e pouco mais de tres de largo. He a penha de cor parda, substancia arenosa, mas solida, de que nestas partes se fazem portaes, e cunhaes, e fazendo divisão desta faxa, em palla, que está levantada quasi direita entre mais penha, em tres partes, o terço que fica no meyo está dividido em quadrados todos enxaquetados, sendo a divisa dos escaques preta, e o campo delles vermelho. Os que mais tem que notar, são cinco. No pé desta penha he tradição, que havia entrada para huma gruta a cujos seyos ninguem entrou, porque constava, que querendo hum clerigo de Linhares, Lugar distante huma legoa do sitio, examinalla, sahira della mudo, sem que houvesse diligencia sufficiente que, em todo o tempo, que depois viveo, declarasse, nem por acenos, nem por escrito o que dentro vira. Hoje se não acha a gruta, porque só se vê sitio onde haverá quinze annos vierão homens deste Reyno, cuja terra se não sabe, com instrumentos, e rompendo a gruta com homens, que pagarão bem, conduzidos do Lugar de Nogarelo, cavarão e descobrirão vasos de barro, de que ainda se achão fragmentos, e só ficou entre os jornaleiros noticia que levarão huma grande Cruz de prata, e he tradição, que em aquellas penhas estão escondidos grandes thesouros. Por esta penha, que tem os caracteres, corre agua do montado todo o inverno, e de Verão mana huma tenue porção oleosa como de betume, e faz face para a corrente das aguas do Douro.*

«Até aqui a Relação dita com a data de vinte e cinco de Novembro de 1725.

«Nem a fabrica, nem os caracteres da obra indicão ser dos Romanos; porém tambem não parece, nem dos Godos nem dos Mouros. A verdade he que mal se pode formar juizo dos Autho-

res della. O que parece he, ser obra do tempo da Gentilidade, ou fosse no tempo dos Romanos, ou antes. O que se diz da renovação das letras na manhã de S. João, cousa he que necessita de mais exacta averiguação, e a mudança dos ares, e nevoas do rio Douro poderão concorrer muito a esta apparencia. Como quer que seja, à vista de tudo o que fica dito, he digno de alguma admiração aquelle penedo, caracteres e concavidade, de que tornaremos a tratar na Geografia moderna, a tempo em que porventura se tenha averiguado mais este penedo, e as suas circumstancias. O vulgo chama àquelle sitio *As letras*, em razão dos caracteres referidos».

Seis anos depois, em 1738, volta Contador de Argote a occupar-se das pinturas do Cachão da Rapa no seu *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*. No capítulo VIII dêste trabalho, subordinado ao título *De outras minas, e huma notavel gruta*, pág. 225, Argote reedita as informações que dera antes, mas acresce-os de uma ou outra nota que achei interessante, o que me leva a transcrevê-la em parte:

«Antes de sairmos deste districto me pareceo descrever hum penhasco, e gruta formidavel, que cahe sobre o rio Douro, porque posto não saibamos, em que tempo se obrou, nem quem foi o autor da obra, he certo ser antiquissima, e de tempo imemorial. Perto pois do Cachão da Rapa na margem direita do rio Douro, que he precipitada em distancia de vinte passos do rio, está imminente hum penhasco todo coberto de musgo, excepto em parte de huma face, que está muy lisa por espaço de dez covados em alto, e quatro em largo no meyo, nas extremidades tres, nesta tal face lisa se veem debuxadas diversas figuras com cores diversas; a saber, huns quadrados, e outras, que se não pôde bem julgar se são Jeroglificos, ou letras. Os quadrados em parte se parecem com os do jogo do Xadrez, em parte differem, porque nem são tantos, nem de duas cores, nem brancos, e negros, mas

só de huma cor, que he um vermelho escuro, a margem porem em huns he azul, outros a não tem. As de mais figuras se compoem das mesmas duas cores. O vulgo, e, o que he mais, alguns homens nobres, e eruditos. entendem, que estas figuras se revovão todos os anos em dia de S. João Bautista pela manhã, e que apparecem mais brilhantes: eu reputo isto por allucinação da vista.

«He certo porém, que debaixo deste penedo, da parte, que olha para o rio, está huma gruta de que parece sala, ou pateo huma casa grande, aberta no mesmo penhasco, cercada a roda de assentos de pedra, e de pedra outro sim, huma mesa, que fica no meyo. Desta casa, ou sala se vê a entrada da gruta, em que até aqui dizem não entrara ninguem, que o não pagasse. O que he certo he que no anno de mil seiscentos e oitenta e sete, aos vinte e quatro de Junho, o parochio Domingos Mendes, Paroco daquelle districto, depois de entrar na sala, que dissemos, quiz penetrar no interior da gruta; porém voltou muy diverso do que entrara, porque ficou tonto, tremulo, balbuciante, perdeo dahi a poucos dias os dentes, e dentro de pouco tempo a vida. O vulgo diz, que está ali algum thesouro encantado. A mim parecia-me, que os effeitos pestiferos desta gruta procedião de algum vapor bituminoso alli reconcentrado; e muito mais me confirmey nesta opinião, depois que por cartas soube, que no tempo do Estio mana junto ao sobredito penedo hum licor oleoso, que tem apparencias de betume».

Em 1747 voltam as pinturas do Cachão da Rapa a ser nomeadas. Desta vez é ainda um clérigo que o faz, o P.<sup>o</sup> Luís Cardoso que no seu Dicionário Geográfico <sup>(1)</sup> ao tratar da vila de *Anciãens*, se lhes refere nestes têrmos a pág. 469:

(1) P.<sup>o</sup> Luís Cardoso, *Diccionario Geográfico ou Noticia Historica de todas as Cidades, Vilas, etc.*, Lisboa, 1747.

«Pela parte do sul (da vila de Anciães) corre encostado a este concelho o rio Douro, que faz a terra mimosa de solhos, saveis, muges e lampreias, que se pescam no sitio do Cachão em grande quantidade. Neste mesmo sitio, onde chamão as Letras, está uma grande lage com pinturas de negro, e vermelho escuro quasi em forma de xadrez, em dous quadros com certos riscos, e sinais mal formados, que de tempo imemorial se conservam neste penhasco. Dizem os naturais que estas pinturas se envelhecem umas, e se renovam outras, e que guarda esta pedra algum encantamento; porque querendo por vezes algumas pessoas examinar a cova, que se oculta debaixo, foram dentro mal tratadas sem ver de quem».

Durante mais de um século, ninguém se torna a ocupar das pinturas do Cachão da Rapa.

Relata o prof. Leite de Vasconcelos (1) «que em sessão da Câmara dos Pares, de 5 de Março de 1853, o Visconde de Seabra, num discurso patriótico, chamou a atenção do Ministro das Obras Públicas para êste monumento, e em virtude disso, na ocasião em que se construiu a linha férrea do Douro, o monumento foi respeitado mandando-se tirar uma cópia dos sinais», cópia que o mesmo ilustre professor reproduz na fig. 77 do vol. I das *Religiões da Lusitânia*, e vai, reduzida, na nossa fig. 5.

A dificuldade de acesso e de cuidada observação das pinturas é manifesta, sabendo-se que a cópia mandada tirar pelo Ministério das Obras Públicas foi feita por José Felix Alves «amarrado com uma corda» (2).

Em 1876 *O Douro Ilustrado* (3), do Visconde de Vila Maior,

(1) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Lisboa, 1897, pág. 363.

(2) Nota I da pág. 363 do vol. I das *Religiões da Lusitânia*, cit.

(3) Visconde de Vila Maior, *O Douro Ilustrado—Album do Rio Douro e Paiz Vinhateiro*, Porto, 1876.

moncorvense ilustre que foi reitor da Universidade de Coimbra, contém uma ligeira referência às pinturas do Cachão da Rapa.

Ao falar do Cachão da Valeira o autor diz-nos em nota da pág. 102 que aquele ponto do rio foi também noutro tempo desi-

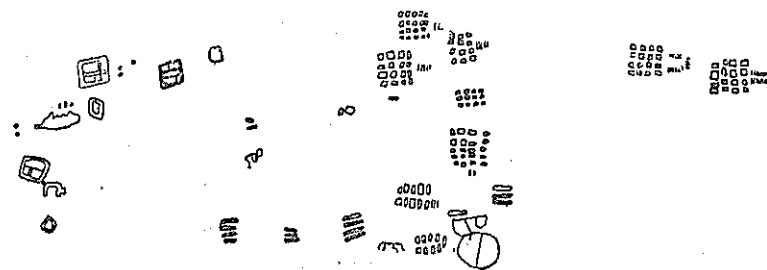


Fig. 5 — As pinturas do Cachão da Rapa, segundo cópia obtida em 1853

gnado com os nomes de Cachão da Rapa ou da Pesqueira, por estar próximo da vila de S. João da Pesqueira.

E logo adiante a págs. 105 e 106:

«Entre as penedias do Cachão da Valeira do lado norte e próximo do rio dizem existir um grande rochedo no sitio que chamam as letras, em cuja superfície se acham gravadas umas figuras enigmáticas que ali existem desde tempos imemoriais, e cuja significação ainda ninguém revelou, e que não parecem pertencer a nenhum dos estilos gráficos conhecidos. No tómo II das *Mem. para a Hist. do Arceb. de Braga*, de Contador de Argote, pág. 486, se encontra uma gravura representando aquelas figuras, e nas páginas seguintes se narram curiosas tradições sobre o sitio. Não as vimos, não examinamos o lugar; passaremos adiante; e eis-nos aqui entrados na região do Alto Douro».

Onze anos mais tarde, em 1887, Possidónio da Silva publica no «Boletim da Real Associação dos Architetos Civis e Archeó-



logos Portuguezes» (1) uma gravura com a legenda: «Sinaes sobre um penhasco no lugar de Linares (*sic*) na provincia do Douro» (fig. 6).

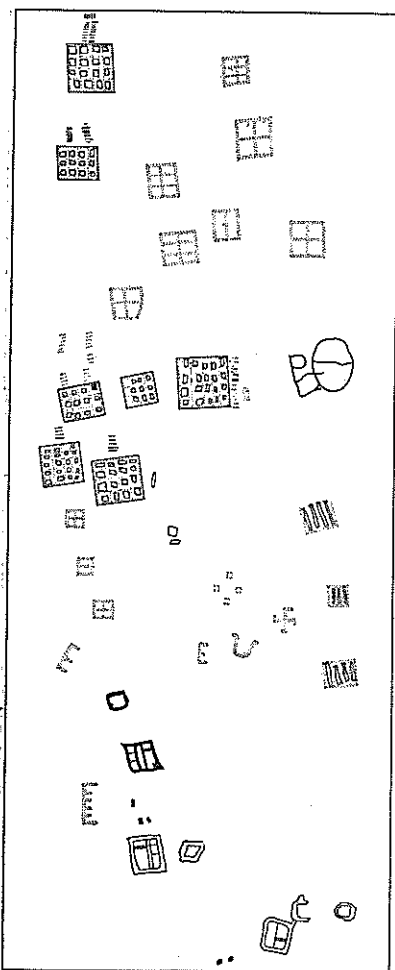


Fig. 6 — As pinturas, seg. Possidónio da Silva

cryptogamas, talvez por estar esse lado em exposição ao norte.

Na «Explicação da estampa», diz:

«Na provincia do Douro ha um penhasco sobranceiro ao tunnel da Rapa, entre a estação do Tua e a passagem da Val-leira, a 133,920 metros, da via ferrea daquela provincia. Este penhasco existe junto do lugar de Linares, termo da villa de Anciães e na superficie d'elle veem-se diversos signaes coloridos, d'aparencia lustrosa, devida sem duvida a uma materia de betume, que, segundo é tradicional, durante o verão lhe apparece na base, o que teria contribuido para conservar ha seculos esses signaes.

«É tambem para notar que a sua face do lado opposto acha-se sempre coberta de

(1) A publicação fêz-se em 1887, no n.º 5, tômo v, do referido «Boletim». Como atrás se disse, só em Julh de 1933 me foi dado consultar o trabalho de Possidónio da Silva.

As figuras occupam grande espaço, sendo a altura 3<sup>m</sup>,18, e a largura 0<sup>m</sup>,82. Esta singularissima antiguidade estava condemnada a ser destruida, conforme o costume que ha entre nós de arrazar tudo o que pertence a épochas remotas. O caminho de ferro devia atravessar n'esse ponto, e portanto irremissivelmente havia de sacrificar-se o penhasco, muito embora se desprezasse um dos mais importantes monumentos archeologicos de Portugal. Por fortuna, um digno Par do Reino, alto apreciador das antiguidades nacionaes, o sr. Visconde de Seabra, conseguiu da sua camara recommendar ao Governo que evitasse um tal vandalismo, o que se cumpriu, sendo ordenada uma alteração na directriz da linha. Pela mesma ocasião o referido sr. Visconde propoz que se mandasse tirar copia da *inscripção* existente no penhasco, e até *indicou pessoa para esse trabalho*, afim de se averiguar o que ella significava.

«Tendo noticia d'isto, fui logo á cidade do Porto para obter uma copia fiel das figuras traçadas na pedra, e quando em 1885 a *associação francesa para o progresso das sciencias* celebrou o seu congresso em Grenoble, enviei o respectivo desenho aos seus illustres membros, pedindo-lhes que o examinassem e déssem o seu parecer ácerca de tão curiosa antiguidade. Baldado empenho! Não se conseguiu a desejada solução».

Em 1897 torna o monumento pictográfico do Cachão da Rapa a ser objecto de estudo por parte do illustre professor Dr. José Leite de Vasconcelos que dêle se occupa largamente (1), passando em revista o que sôbre as pinturas se escrevera e emitindo opinião ácerca da sua cronologia provável, depois de estudar as gravuras rupestres da Pedraça em Senhorim (Beira Alta)

(1) *Religiões da Lusitânia*, vol. 1, pág. 360 e segs., Lisboa, 1897.

e da Orca dos Amiais, onde aparecem sinais que compara com os sinais em xadrez do Cachão da Rapa.

Além da gravura que reproduzo na fig. 5, o Prof. Leite de Vasconcelos dá outra gravura da distribuição das pinturas do Cachão da Rapa (*Relig. da Lus.*, t. 1, fig. 76), decalcada na de Contador de Argote, mas orientada de modo diferente. É a da nossa fig. 7.

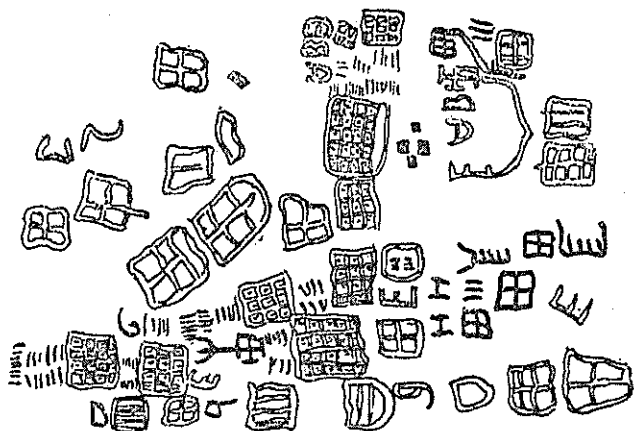


Fig. 7 — As pinturas do Cachão da Rapa, segundo Leite de Vasconcelos

Amílcar de Sousa considera as pinturas como desaparecidas, num artigo que publicou em 1907 (1), sobre S. Salvador do Mundo, ermida empoleirada no cimo dum abrupto cêrro que fica sobranceiro ao Cachão da Valeira.

Em 1916, Vergílio Corrêa (2), em Portugal, e Cabré (3), em Espanha, ocupam-se também das pinturas do Cachão da Rapa,

(1) Amílcar de Sousa, *S. Salvador do Mundo — A grande romaria da Beira Alta*, in «Ilustração Portuguesa», n.º 79, de 26 de Agosto de 1907.

(2) Vergílio Corrêa, *Pinturas rupestres descobertas em Portugal no séc. XVIII*, in «Terra Portuguesa», vol. 1, págs. 116-119, Lisboa, 1916.

(3) Juan Cabré Aguiló, *Arte rupestre galego y português (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*, cit.

dando-as ambos como desaparecidas, admitindo que ao ser construída a linha do caminho de ferro do Douro, tivesse sido demolido o penedo onde estavam as pinturas.

Obermaier, em 1925, no seu trabalho sobre as gravuras rupestres do noroeste peninsular (1), também às mesmas pinturas se refere, considerando igualmente duvidosa a sua existência.

Nos últimos tempos vários autores citaram as pinturas do Cachão da Rapa, dando-as quasi todos como um documento prè-histórico valioso, mas já desaparecido. Entre esses autores citaremos os profs. Mendes Corrêa (2), Amorim Girão (3) e Breuil (4), Cuevillas e Bouza-Brey (5).

Ultimamente Henri Breuil, ilustre professor do «Collège de France» e do «Institut de Paléontologie Humaine», de Paris, numa rica publicação sobre as pinturas rupestres esquemáticas da Península Ibérica, já citada, refere-se largamente ao Cachão da Rapa. Frisa que «en 1907, la roche passait pour détruite et cette opinion s'accrédita». Dá também a notícia da redescoberta, dizendo: «Mais voici que, dans le quotidien *O Primeiro de Janeiro* du 4 novembre 1930, M. Santos Júnior nous a annoncé sa résurrection

(1) Hugo Obermaier, *Die Bronzezeitlichen felsgravirungen von nordwestspanien (Galicien)*, in «Ipeck», págs. 51-59, 1925.

(2) Mendes Corrêa, *A cronologia das mais antigas inscrições do noroeste peninsular*, Discurso inaugural da 6.ª secção do Congresso de Barcelona das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências, pág. 38, Madrid, 1929; *Geologia e Antropologia em Portugal*, «Exposição Portuguesa em Sevilha», pág. 20, Lisboa, 1929; *A Lusitânia pre-romana*, in «História de Portugal», vol. 1, pág. 134, Barcelos, 1930.

(3) Amorim Girão, *Arte rupestre em Portugal (Beira-Alta)*, in «Rev. Biblos», vol. 1, n.º 3, Coimbra, 1925.

(4) H. Breuil, *La roche peinte de Valdejunco*, in «Terra Portuguesa», vol. III, pág. 26, Lisboa, 1917; *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, pág. 43, Lagny, 1933.

(5) F. Lopez Cuevillas e Bouza Brey, *Os Oestrinios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*, in «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», pág. 53, A Cruña, 1929.

et nous en donne une première description sommaire». Faz em seguida eruditas considerações sobre a gravura dada por Contador de Argote, a qual, reproduzindo sinais não existentes, leva a interpretações que não podem subsistir, como sejam, por exemplo, as da existência de figuras humanas masculinas esquemáticas e de estilizações de animais.

\*

\* \*

Depois da breve resenha histórica e bibliográfica que acabamos de fazer, sobre as pinturas do Cachão da Rapa, passaremos à descrição do local e do conjunto pictográfico tal qual êste nos apareceu.

As pinturas do Cachão da Rapa acham-se em termo da freguesia de Ribalonga, concelho de Carrazeda de Ansiães, distrito de Bragança, e estão, como foi dito, situadas na margem direita do rio Douro, num grande penedo que lhe fica sobranceiro.

Dá nome às pinturas aquele sítio do rio, sítio que é designado Cachão da Rapa: *Cachão* <sup>(1)</sup>, por a correnteza da água ali

(1) Êste vocábulo é bastante empregado pelo povo de Trás-os-Montes. Na linha do caminho de ferro de Bragança há uma estação do Cachão, situada na margem do rio Tua.

Em Meirinhos, freguesia do concelho de Mogadouro, colhi a quadra que segue:

Comparei a minha vida  
Com a água do cachão.  
A água não tem sossêgo,  
Assim está meu coração.

Mais esta cantiga se refere a Cachão:

Adeus, ó Peso da Régua  
Onde a água faz cachão:  
Quem anda cego d'amores  
Quere escuro, luar não.

Publicada por J. C., *Cantigas geográficas*, in «Revista Lusitana», vol. VI, pág. 330, Lisboa, 1900.

formar torvelinho; *Rapa* é nome que resulta do facto de, nos pontos onde o rio é mais rápido, o alar dos barcos na subida ser difícil, obrigando os «marinheiros» <sup>(1)</sup> a puxarem-nos da margem de fragas lisas, escorregadias e polidas, onde por vezes se cansam de *rapar* antes de conseguirem o seu fim.

Entretanto, a impressão que colhi, ao menos na época do ano das minhas visitas (princípios de Outubro), é que não é grande o cachão que a água do rio ali faz, nem deve ser custosa a passagem dos barcos, a ponto de ser necessário puxá-los de terra.

Encontram-se as pinturas na superfície lisa e vertical dum grande rochedo de granito, que com outros cavalga o túnel da Alegria, túnel que fica ao quilómetro 142,200, e a pouco mais de 2 km. a montante da estação do Tua.

Àquela penedia de contornos boleados pela erosão e escurecida pelos líquenes, dão o nome de «Curral das Letras».

Fica o «Curral das Letras» quasi no limite da freguesia de Ribalonga com a de Linhares. O ribeiro que separa as duas freguesias, vem desaguar ao Douro umas dezenas de metros além do túnel.

Para se chegar até às pinturas, sobe-se a ladeira um pouco antes da bôca do túnel e, atravessando uma pequena horta e vinha, baixa-se, procurando no meio da penedia agreste a passagem que leva acima do túnel.

As figs. das ests. I, II, III e IV, mostram bem a aspereza do local.

Num ou noutro ponto, há, no meio daquela penedia, escasas porções de terra, em plataformas de pequenas dimensões, onde crescem lodões e carrascos. Uma dessas plataformas fica junto do rochedo pintado e forneceu, depois duma escavação cui-

(1) Vd. nota da pág. 185.

dada, numerosos fragmentos de cerâmica manual grosseira, e uma ou outra peça de menor interesse arqueológico.

Do sítio das pinturas ao rio há um desnível de cerca de 25 metros.

Por baixo do rochedo das pinturas vê-se uma cavidade natural que não é senão o intervalo entre grandes blocos de granito amontoados. É muito irregular essa espécie de gruta-zinha ou galeria que tem de fundo apenas uma meia dúzia de metros. Passa-se desta cavidade para outra que lhe fica sobranceira e que é igualmente pouco funda e também anfractuosa. É seguramente a estas formações que se referem João Pinto de Morais e Contador de Argote, dando-lhes maiores dimensões e uma rodada de assentos, em tórno duma grande mesa de pedra.

Entre nos buracos que depois soube serem conhecidos pelo nome de *Cova da Moira*. Pesquisei cuidadosamente todos os recantos à luz duma vela, não fôsse escapar-me qualquer gravura ou sinal pintado que lá existisse. Não havia a mesa, nem bancos de pedra, nem nada que os pudesse lembrar, e mais nada que merecesse interesse arqueológico.

Muito interessantes e ainda em razoável estado de conservação, são as pinturas. Vêmo-las na superfície lisa e vertical dum grande bloco de granito, superfície que tem mais de 4 metros de altura e é alongada nêsse sentido. A dita superfície, cuja forma se pode ver na fig. da est. V, é mais larga na parte média, onde tem pouco mais de dois metros, e vai estreitando para cima e para baixo. Constitue-lhe protecção natural uma saliência no recanto cimeiro formando pala. Está voltada a poente e não nos pareceu que haja sido antecipadamente preparada, mas sim apenas utilizada pelo artista ãneolítico.

Os sinais pintados distribuem-se por uma área de cerca de 2<sup>m</sup>,5 de alto por 2 metros de maior largura, ficando no alto da superfície mais de 1 metro sem qualquer sinal.

Se alguns sinais se podem tocar com a mão, a maioria fica porém mais acima, sendo necessária uma escada para se lhes chegar. O sinal cimeiro do grupo está a um pouco mais de 3 metros do solo.

As côres empregadas foram o vermelho côr de borra de vinho e um azul escuro, que, visto de repente, mais parece negro do que azul, mas que uma observação cuidada leva à conclusão de que é na verdade o azul escuro.

São muitos os sinais pintados. Mais de trinta. Alguns monocromicos, mas quasi todos pintados a azul e vermelho.

Predomina a esquematização geométrica, e nenhum dos sinais pode ser tomado como uma possível estilização da figura humana masculina. Êste facto faz com que não possa subsistir a hipótese emitida por Cabré sôbre a possível significação do conjunto pictográfico do Cachão da Rapa. Essa hipótese interpretava as pinturas como uma dansa ritual em que figurava um homem rodeado por várias mulheres.

Se, por um lado, a distribuição dos múltiplos sinais parece não ter obedecido a qualquer plano de conjunto prèviamente estabelecido, pois não é aparente uma forte correlação entre os diversos sinais, por outro lado aparecem figuras pintadas junto das fissuras do granito, em superfícies escassas, ficando por utilizar áreas maiores que apresentam as melhores condições para serem pintadas.

Há mesmo, no alto e à direita, uma figura oval, com cruz inscrita, pintada no ponto de encontro de duas fissuras do granito. E das duas uma: ou teremos de admitir que as estaladelas em questão são posteriores, ou que existiam na altura em que as pinturas foram feitas.

A primeira hipótese, embora não muito defensável, é admissível, pois, à esquerda da zona média, há um recanto com largo buraco, que, embora pouco próprio, pode talvez ter sido feito mo-

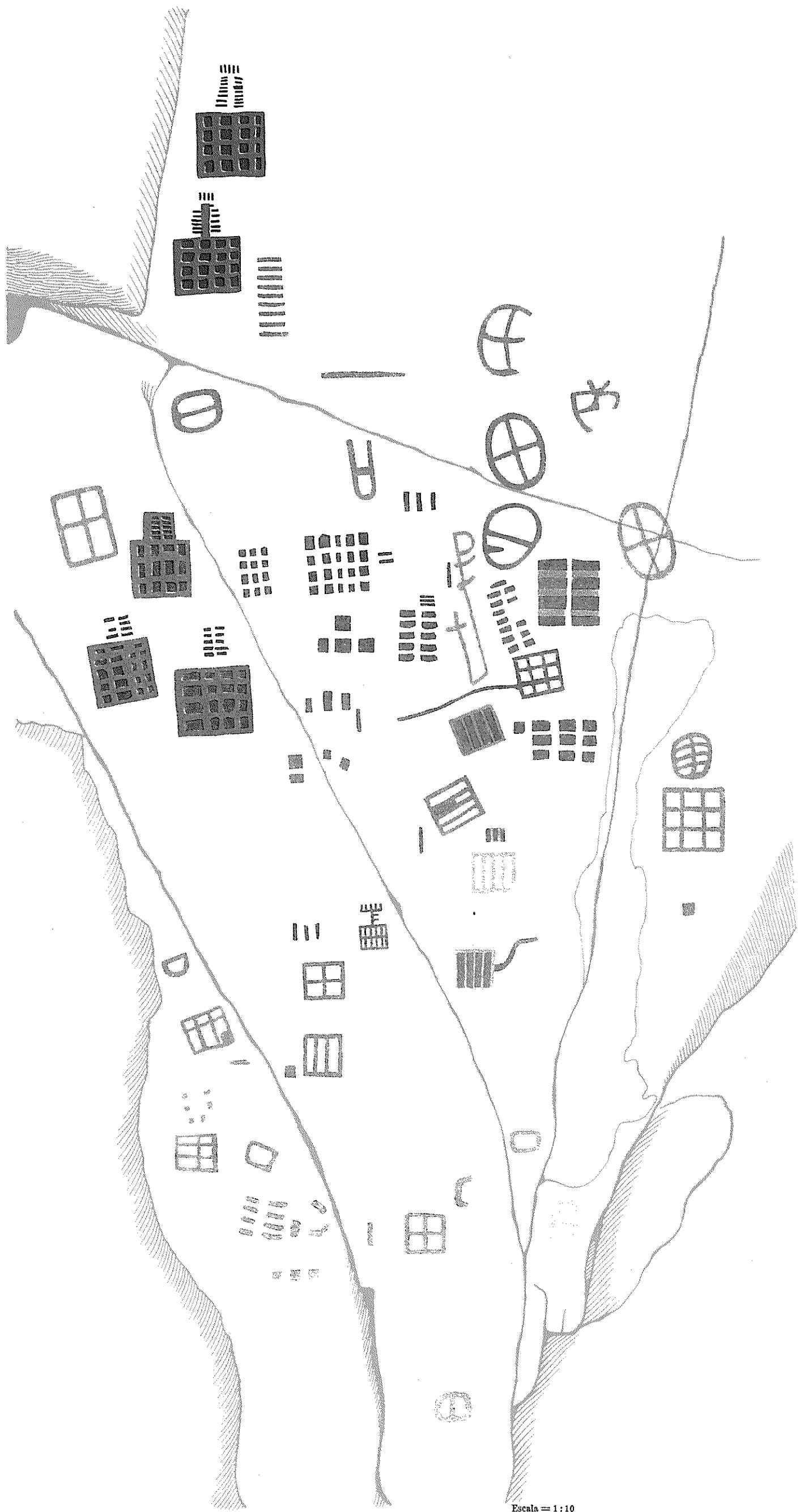
dernamente, para ali colocar uma carga de pólvora ou dinamite que ao explodir determinasse as estaladelas referidas.

A segunda hipótese parece a mais provável. E, assim, dada a existência das fissuras na altura em que as pinturas foram feitas, o artista, tendo áreas lisas onde podia figurar o sinal que vimos considerando, se o não fez, é porque razões de arranjo e correlação o obrigaram a pintar sôbre as estaladelas.

Há ainda uma outra circunstância a ponderar, que faz crer numa certa correlação. Para quem olha a superfície pintada, são, a porção que, formando uma espécie de recanto, fica à nossa esquerda, e a parte mais alta, junto da pala, que oferecem as melhores condições de defesa para as pinturas, pois são essas zonas as melhor protegidas contra a acção das chuvas. Parece, pois, lógico, que, se os sinais tivessem sido pintados isoladamente, cada um de sua vez, e com significação própria à parte do conjunto, só depois de completamente aproveitadas as áreas mais vantajosas é que o artista iria pintar sinais, mais para fora, na borda do rochedo, numa zona mais exposta.

Observam-se, porém, naquela área, que melhor se prestava para a boa conservação das pinturas, largas zonas que nada contêm. Na parte menos defendida há numerosos sinais, um tanto desbotados, se bem que lhe possamos marcar com segurança a côr e os contôrnos, sobretudo depois de os humedecer com água.

Quanto à técnica empregada pelo artista èneolítico, pouco se pode dizer. A natureza das tintas é desconhecida. Para o vermelho é fácil supôr que, à maneira do que sucede noutros documentos pictográficos prè-históricos, tenha sido obtido com óxidos de ferro que, uma vez triturados, seriam dissolvidos em qualquer gordura ou óleo. Para o azul escuro, quási preto, já não é tão fácil a interpretação e só uma análise química poderia talvez resolver o assunto. Não quis, porém, mutilar o conjunto, fazendo saltar uma lasca de granito com alguma tinta.



Escala = 1:10

As pinturas do Cachão da Rapa

Nota:—Não foi possível à litografia conseguir uma perfeita reprodução das cores. Tanto o vermelho como o azul são um pouco mais escuros.

Examinemos agora o conjunto pictográfico.

Quatro estaladelas ou fissuras dividem aquela superfície num certo número de zonas, tôdas elas semeadas de maior ou menor número de sinais.

A est. V e a gravura colorida, melhor que a mais perfeita descrição, mostram o arranjo e natureza das pinturas, que, aparentemente complexas, se reduzem contudo a três ou quatro tipos de sinais que se repetem.

Senão vejamos.

Os dois sinais do alto, à esquerda, e mais três do mesmo género situados na zona média, mas também para a esquerda, constituem sem dúvida as figuras mais interessantes. Dada a sua especial situação de abrigo, são as melhor conservadas. São pintadas a vermelho e azul e desta forma: um quadrado azul e nêle pequenos rectângulos vermelhos dispostos em quatro fiadas verticais de quatro elementos que se correspondem também em fiada na horizontal. Um dos sinais, precisamente o que está mais à esquerda, além dos dezasseis rectângulos vermelhos de todos os outros, tem mais três pequenos rectângulos, mais estreitos, formando no alto uma quinta fiada horizontal, o que prefaz o número de dezanove rectângulos. Note-se que é precisamente neste sinal onde os rectângulos aparecem com uma maior diversidade de formas e de tamanhos, contrastando com todos os outros.

Nos cinco sinais, há por cima do quadrado duas fiadas de traços vermelhos horizontais, em escada, cujo número varia de 7 a 16, sendo o mais freqüente o número 10 que se repete em dois dos sinais.

Os dois sinais do alto teem ainda, como remate das duas fiadas de traços que referimos, uma outra série de traços verticais também pintados a vermelho.

Alguém, picando o granito, fêz saltar a tinta dos rectângulos da fiada de baixo dum destes sinais.

Referiremos ainda, como particular ao sinal superior dos três do plano médio, o facto de a bordadura em azul escuro se estender para cima à roda das duas fiadas de traços vermelhos, que aqui são em número de 10.

A êste grupo de sinais que acabamos de descrever, podemos juntar mais uns seis ou sete, todos situados na zona central que três estaladelas do granito delimitam em triângulo. A característica comum é a de todos êles serem formados do mesmo modo que os cinco sinais descritos, por pequeninos rectângulos ou quadrados dispostos em várias séries. Aqui, porém, não foi empregada a côr azul. À primeira vista parece que alguns dêstes sinais estão por acabar.

Um segundo tipo é o mais freqüente, pois revela-se em 14 sinais, todos rectangulares ou quadrados e divididos por faixas longitudinais ou entrecruzadas.

Nos mais simples o rectângulo ou quadrado está dividido por duas linhas que se cortam em cruz, noutros por duas ou três linhas paralelas, noutros ainda por linhas cruzadas formando grade, duas linhas num sentido e uma ao través, ou duas num sentido e duas noutro. Há dois dêstes sinais que teem dêles dependente um traço levemente ondulado.

Há ainda um outro sinal dêste tipo, pequeno, mas cuidadosamente pintado a traço fino, que é um rectângulo vermelho dividido por quatro traços ao alto e um ao través, apresentando, além disso, de muito curioso, em ligação com o lado de cima, dois traços também vermelhos em T, tendo outros tracinhos mais pequenos, cinco para cima e dois para a direita.

Esta figura aproxima-se das representações esquemáticas do carro, podendo interpretar-se conjecturalmente os traços em T e os tracinhos para cima e para a direita como a representação da cabeça, jugo e dois bovídeos, tendo sido marcados os chifres em ambos e só num as duas patas.

O terceiro tipo, também numeroso, é constituído por doze sinais arredondados, elipses ou ovais, quasi todos divididos por traços nêles inscritos.

É curioso o agrupamento formado por cinco sinais dêste tipo em cima e à direita. De tôdas as pinturas são estas as mais apagadas. Dois dos sinais, os mais altos, vão incompletos, porque foi assim que os vi. Certamente que êsses sinais eram fechados, mas por mais cuidada que fôsse a observação feita, inclusivè à lupa, não consegui distinguir mais do que o que vai desenhado.

Poderíamos ainda considerar mais um tipo de sinais formados por traços paralelos e postos lado a lado como os degraus duma escada. No alto, à esquerda, um sinal dêstes forma uma escada de nove degraus. Logo por baixo, e à direita dum sinal que parece um A invertido, vêem-se três barrinhas dispostas lado a lado mas traçadas na vertical. Abaixo do plano médio do conjunto pictográfico e à esquerda do sinal que dissemos poder aproximar-se da representação esquemática do carro, outras três barrinhas se dispõem também lado a lado e na vertical. Neste grupo pode também considerar-se aquele sinal que se vê à direita do conjunto pictográfico e é formado por faixas contíguas alternando em vermelho e azul. O seu estado de conservação é de tal modo deficiente que, ao desenhá-lo, hesitei em considerar o sinal em questão como formado por faixas contínuas de ponta a ponta, ou, como vai desenhado, com uma zona média vertical não pintada.

Além do A invertido a que fizemos referência e duma figura constituída por uma cruz associada a um P de longa haste com dois traços, restam alguns quadrados, rectângulos ou traços isolados.

\*

\* \*

Facto particularmente interessante no Cachão da Rapa foi a aparição, a quando duma escavação a que procedi numa plata-



forma da base do rochedo pintado, de numerosos fragmentos de cerâmica. De mistura com esta apareceram lascas informes de quartzo, fragmentos de xisto metamórfico, calhaus rolados de quartzite e um só instrumento de pedra, um machadinho de anfibolite (?). Êste pequeno machado, que vai reproduzido na fig. 8 dá a

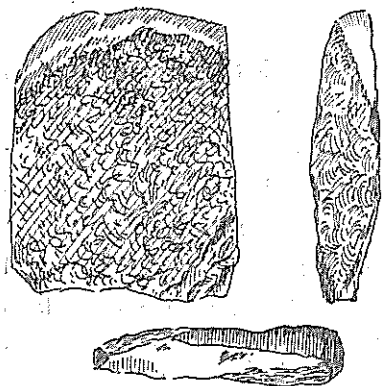


Fig. 8 — Machado de pedra polida (reduzido a 2/3)

impressão de ter sido apenas começado: foi polido em duas escassas zonas, junto do gume, ao passo que a maior porção das duas faces é de superfície irregular e não polida. O gume é empenado, como bem mostra a figura. Êste facto resulta de ter sido desigual, e mais acentuado para um dos bordos de cada face, o desgaste originado pelo atrito.

Não encontrei qualquer instrumento metálico, ou sequer fragmento de ferro, cobre ou bronze.

A cerâmica, manual e rude, aparece em fragmentos de dimensões bastante reduzidas. O maior dêles tem  $8\text{cm} \times 6\text{cm}$ . Predominam os fragmentos com  $4\text{cm}$  e  $5\text{cm}$  de diâmetro, havendo-os ainda mais pequenos.

A pasta é geralmente grosseira, tendo incorporadas palhetas de mica e areias quartzosas, por vezes de grandes dimensões.

Embora as palhetas de mica apareçam em muitos fragmentos, não são, porém, em tal quantidade que à cerâmica deva dar-se o qualificativo de micácea.

Há pedaços, cuja pasta é bastante homogênea e de côr acastanhada, parecendo terem sido brunidos na face externa. As suas espessuras vão de  $7\text{mm}$  a  $14\text{mm}$ .

Aparecem amostras de pasta escura, quasi negra, algum tanto friável por má cosedura e pela abundância de areias e palhetas de mica nela incorporadas.

Um terceiro tipo, de cerâmica vermelha, está representado por alguns fragmentos de pasta também pouco consistente e igualmente grosseira.

Dois fragmentos de pasta cinzento-clara, do mesmo modo arenosa, testemunham mais um tipo ceramológico.

Algumas exíguas porções de bordos de pequenos vasos, muitas delas ornamentadas e com espessuras de  $4\text{mm}$  a  $5\text{mm}$ , são de pasta mais fina e de vários tons.

Quanto à forma e dimensões dos vasos, pouco se pode dizer, tão fragmentar é o material de que dispomos.

Pelo grau de curvatura que alguns espessos fragmentos apresentam, podemos afirmar que pertenceram a grandes vasos. Um dêstes fragmentos chega a ter  $1\text{cm},5$  de espessura.

Há alguns pedacitos de bordos que pelo seu arqueado e pela pouca espessura nos permitem atribuí-los a vasos pequenos.

Há, no espólio, um pedaço de cerâmica que, dado o seu aspecto particular de encurvamento, faz com que o julguemos uma porção dum fundo esférico.

Pelo perfil dos bordos (fig. 9), se vê que a forma dos vasos era variável. Contudo predomina o tipo de bordo direito, ou ligeiramente encurvado para dentro, ou o mesmo é dizer que o tipo dominante, ao menos nos vasos pequenos, seria semi-esférico, em forma de taça com fundo redondo. Ê um tipo freqüente nos achados èneolíticos.

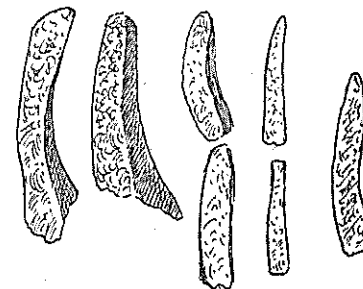


Fig. 9 — Bordos visto de perfil (reduzido a 2/3)

O vaso campaniforme também aparece representado no espó-

lio do Cachão da Rapa. Assim o permite supor o estudo do perfil de alguns bordos que mostram um estrangulamento do colo mais ou menos acentuado.

São bastante numerosos os fragmentos ornamentados, se bem que predomine francamente a cerâmica lisa.

O tipo decorativo dominante é o traço ondulado (fig. 10 e est. VIII, 3, 14, 15, 16 e 18). É menos frequente a decoração a traços rectilíneos e paralelos (fig. 11 e est. VIII, 4 a 9 e 17).

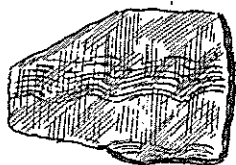


Fig. 10 — Bordo de pequeno vaso com ornamentação ondulada (reduzido a 2/3)

A fig. 14 da est. VIII mostra um lindo fragmento dum bordo de pequeno vaso, decorado por uma associação de linhas onduladas e linhas rectas e paralelas.

Mais rara é a ornamentação obtida por punção, isto é, manejando o instrumento decorador à maneira de sinete. É punctiforme num só fragmento (fig. 12 da est. VIII). Noutros a impressão é mais larga, linear, como mostram as figs. 11 e 13 da est. VIII.

Não encontrei qualquer resto de asa ou de vaso com vestígios de inserção da mesma. Merece especial referência uma pequena porção dum bordo, reproduzida na fig. 2 da est. VIII, que apresenta um orifício cónico de suspensão.

O estado tão fragmentar da cerâmica poderia explicar-se, e foi essa a primeira hipótese que me ocorreu, pela fractura voluntária dos vasos levados àquele santuário rupestre. Sabe-se que em muitas práticas religiosas certos vasos devem ser quebrados, tirando-se supersticiosamente uma ilação do número dos fragmentos resultantes.

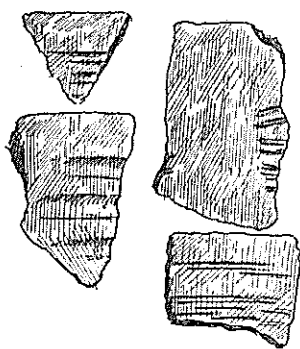


Fig. 11 — Bordos com ornamentação de traços rectilíneos e paralelos (reduzido a 2/3)

Mas uma passagem de Contador de Argote que reproduzo na pág. 195, diz-nos que ao Cachão da Rapa, no princípio do século XVIII, «vierão homens deste Reyno (1), cuja terra se não sabe, com instrumentos, e rompendo a gruta com homens, que pagarão bem, conduzidos do lugar de Nogarelo, cavarão e descobrirão vasos de barro, de que ainda se achão fragmentos, e só ficou entre os jornaleiros noticia que levarão uma grande cruz de prata, e he tradição que em aquelas rochas estão escondidos grandes thesouros».

Compreende-se, pois, que tudo o que apareceu tivesse sido prontamente escacado, não fôsse, às vezes, ter em si escondido qualquer pedaço de ouro ou prata.

Quem observa a cerâmica de que vimos falando é imediatamente impressionado pelo seu ar de rudeza.

A natureza da pasta, a irregularidade do modelado e mesmo a ornamentação pobre e rudimentar, conferem à cerâmica do Cachão da Rapa um ar primitivo impressionante.

O facto de a escavação não haver fornecido qualquer fragmento de metal, ainda mais radica essa impressão.

(1) É de todos os tempos a ambição desmedida do homem, que o leva a destruir os mais belos e por vezes os mais valiosos monumentos prè-históricos com a mira de descobrir tesouros encantados ou grandes riquezas desde muito sepultadas. Quási não há um dólmen ou castro que não tenha sido ignara e vandàlicamente revolvido. Julgo, porém, que com poucos castros terá sucedido o que se passou com o castro do Monte da Mogueira (Rezende). Corria de boca em boca serem tão extraordinárias as riquezas ali soterradas, que em S. Martinho de Mouros, freguesia onde fica o lugar do Castelo do Monte da Mogueira, por volta de 1895 a 1898, se constituiu uma empresa, destinada a procurar os tesouros que se dizia existirem no referido castro.

Largos foram os trabalhos de escavação lá realizados, sobretudo em profundidade. O esmorecimento dos mais confiados, a dificuldade crescente dos trabalhos e o exgotamento dos capitais fêz com que ao fim de algum tempo os trabalhos parassem.

Devo esta informação à amabilidade do sr. dr. Rodrigues Ferro, distinto professor auxiliar da Faculdade de Farmácia do Porto.

Que seria a tal cruz de prata?

Fazendo o estudo comparado da cerâmica do Cachão da Rapa com a cerâmica das estações ãneolíticas portuguesas e sobretudo com as do norte do país, não se verifica qualquer identidade, tão particular, tão *sui generis* é a fãcies do espólio que vimos estudando.

Nãõ podemos identificã-la com a cerãmica das estações ãneolíticas de Mairõs e Outeiro Sãco, nos arredores de Chaves (Trãs-os-Montes) (1), nem com a de Pepim, Amarante (Entre Douro e Minho) (2), nem com a da Penha, Guimarães (Minho), que tive ensejo de estudar no Museu da Sociedade Martins Sarmento, nem tãõ pouco com a dos Arcos de Val-de-Vez (Minho) que estudei no Museu Etnolõgico do dr. Leite de Vasconcelos.

Tãmbém nãõ é possível pôr em paralelo a cerãmica do Cachãõ da Rapa com nenhuma das estações ãneolíticas do grupo litoral que se estende à roda de Lisboa, desde Peniche a Setúbal. O espólio das numerosas estações dẽste grupo litoral conserva-se nos Museus, Etnolõgico do dr. Leite de Vasconcelos e dos Serviços Geolõgicos de Portugal, onde o fui estudar.

A cerãmica do Cachãõ da Rapa pode, se bem que conservando a sua individualidade prõpria, aproximar-se da cerãmica das grutas de Santo Adriãõ (Vimioso) (3).

Note-se que é muito pouco o que se conserva do espólio ceramolõgico daquelas grutas trãsmontanas.

(1) J. R. dos Santos Jũnior, *A cerãmica ãneolítica de Mairõs (Trãs-os-Montes)*, em publicaçaõ no « In Memoriam Martins Sarmento ».

(2) Josẽ de Pinho, *A estaçaõ ãneolítica de Pepim (Amarante)*. Conferẽcia realizada na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia em sessãõ cientifica de 7 de Junho de 1933.

(3) As grutas da zona de mãmores e alabastos de Santo Adriãõ, ficam em tẽrmo do concelho de Miranda do Douro e nãõ de Vimioso. Como porẽm sempre tem sido, embora errõneamente, atribuidas ao concelho de Vimioso, continuamos a manter essa designaçaõ.

A semelhança é sobretudo flagrante entre o fragmento que reproduzo na fig. 3 da est. V e um fragmento das grutas de Santo Adriãõ existente no Museu Antropolõgico da Faculdade de Ciẽncias do Põrto, e reproduzido no livro do sr. prof. Mendes Corrãa, *Os povos primitivos da Lusitãnia* (1).

Nãõ se conhecem as condições de jazida do espólio osteolõgico e ceramolõgico das grutas de Vimioso conservado no Museu Antropolõgico do Põrto. No Museu dos Serviços Geolõgicos de Lisboa há vãrias peças de bronze e pedra, entre as quais duas lindas pontas de flexa de sílex.

Ali se expõem igualmente algumas peças de ferro que resultam duma ocupaçaõ posterior, possivelmente jã durante a dominaçaõ romanã.

Pela natureza dos objectos achados nas vãrias grutas de Vimioso e cuja lista consta num trabalho de Nery Delgado (2), podemos inferir que as grutas foram habitadas durante o ãneolítico.

A cerãmica ali descoberta, manual, grosseira e de ornamentaçaõ rude, tem, de facto, caracteristicas do perõdo prẽ-histõrico às grutas atribuõdo.

A cerãmica do Cachãõ da Rapa tem, como vimos, afinidades com a de Vimioso, mas, pelo seu aspecto geral, e sobretudo pelos motivos ornamentais e pela tẽcnica seguida na obtençaõ dos mesmos, somos levados a atribuir ao espólio ceramolõgico do Cachãõ da Rapa uma localizaçaõ cronolõgica mais evolucionada, um ãneolítico avançado, possivelmente mesmo a idade do bronze,

(1) Fig. 21, pãg. 201, Põrto, 1924.

(2) J. F. Nery Delgado, *Reconhecimento dos jazigos de mãmores e de alabastro de Santo Adriãõ e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos*, in « Comunicações da Comissãõ de Trabalhos Geolõgicos de Portugal », vol. II, pãgs. 45-55, 4 est. e 27 figs.

que no território vem seguramente até os tempos proto-históricos.

Um outro paralelismo cronológico, aliás concordante com o que acabamos de expressar, dado nos é pela semelhança, melhor dizendo identidade, entre o fragmento de cerâmica representado na est. VI, fig. 14, e um fragmento de vaso campaniforme descoberto na mamoa galega de Gándaras de Budiño, Porriño (Pontevedra) e publicado na fig. 15 do trabalho dos incansáveis e ilustres investigadores galegos Cuevillas e Bouza-Brey, sobre a civilização neo-eneolítica galega (1).

\*

\*   \*

Comparando as pinturas do Cachão da Rapa com as das estações similares da Península Ibérica, não se encontra nenhuma que possa identificar-se-lhe perfeitamente.

Que eu saiba, também não há entre as estações pré-históricas de fora da Península, pinturas rupestres que se lhe possam considerar semelhantes.

Se, porém, em vez de fazermos a comparação em conjunto, a fizermos sinal a sinal, encontramos nos múltiplos sinais das numerosas estações de pinturas rupestres peninsulares alguns que podem pôr-se lado a lado dos sinais pintados do Cachão da Rapa.

Fornecem sinais comparáveis, além doutras, as estações rupestres espanholas dos arredores de Almaden (Badajoz), sobre-

tudo as da Sierra de Nossa Senhora del Castillo (1) e do Peñon Grande (Sierra d'Hornachos) (2); de Las Moriscas (Sierra d'Helech) (3); do Grande Abrigo de las Viñas (Zarga-junto-Alange) (4) e da Rocha do Castillejo de los Buitres (Arredores de Peñalsordo) (5).

Embora seja no grupo das pinturas esquemáticas do último período da bacia do Guadiana que vamos encontrar um ou outro sinal semelhante, este facto pouco significa, pois os conjuntos pictográficos das estações espanholas citadas são inteiramente diferentes, e os sinais comparáveis são-no com os menos típicos do Cachão da Rapa.

Os cinco sinais rectangulares que vão reproduzidos na est. IX, e que não teem similares, ao menos que eu conheça, entre as numerosas estações de pinturas rupestres da Península, são de entre todos os mais curiosos e de maior interêsse.

Êstes sinais são comparáveis—e de resto essa comparação já foi feita por H. Breuil, Cabré e Obermaier—com algumas gravuras rupestres do noroeste peninsular, nomeadamente com as da Eira dos Mouros (Galiza) (6), e sobretudo com as placas-ídolos, tão abundantes nos espólios dolmênicos do sul do país.

A semelhança entre as pinturas do Cachão da Rapa e as gravuras da Eira dos Mouros não é tão estreita como alguns autores teem afirmado.

Começa porque no Cachão da Rapa existem exclusivamente

(1) H. Breuil, *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, cit., vol. II, pág. 18, fig. 7.

(2) Id., id., pág. 102, fig. 33.

(3) Id., id., pág. 91, fig. 30.

(4) Id., id., pág. 123, fig. 39.

(5) Id., id., pág. 61, fig. 19.

(6) Jean Cabré Aguiló, *Arte rup. gallego y port. (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*, já cit.

(1) F. López Cuevillas y F. Bouza-Brey, *La civilización neo-eneolítica gallega*, sep. do n.º 19 del «Archivo Español de Arte y Arqueología», Madrid, 1931.

pinturas em superfície lisa e vertical, e não gravuras, como se lê, por exemplo, no trabalho de Obermaier sobre as gravuras rupes- tres da idade do bronze do noroeste da Espanha, já várias vezes citado, afirmação que o próprio autor ressalva dizendo que a esta- belece fazendo fé em antigas cópias.

Assim fica prejudicada a hipótese do insigne professor madri- leno, segundo a qual seria surpreendente a coincidência do Cachão da Rapa com a Eira dos Mouros, estando na estação portuguesa as gravuras (que já vimos, não existem) em parte pintadas, o que o levava a perguntar se aquela cobertura de tinta não seria um complemento realizado em tempos mais modernos.

Há, sem dúvida, um ar de parentesco entre os sinais em xadrez do Cachão da Rapa e os sinais do mesmo tipo existentes na Eira dos Mouros e noutras estações de gravuras rupes- tres da Península, mas sem existir aquela íntima semelhança, quasi sobre- posição, como alguns outros quiseram ver.

As relações de parentesco são muito mais flagrantes com as placas-ídolos do sul de Portugal. Este facto vem corroborar a hipótese cronológica baseada nos elementos fornecidos pela cerâ- mica, e ao mesmo tempo fornece elementos para julgarmos da provável significação deste curioso e único monumento pictogrâ- fico.

Assim os sinais rectangulares axadrezados seriam represen- tações de ídolos e, conseqüentemente, o conjunto pictográfico um santuário (1).

(1) Por curiosidade daremos a hipótese que Vitorino da Silva Araújo for- mulou para as pictografias do Cachão da Rapa, com a qual Possidónio da Silva diz concordar e reproduzida no «Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses», n.º 5, tomo V, ano 1887, pág. 79:

«Não é mais que a representação d'uma batalha, dada no tempo das guer- ras dos romanos na Lusitania. Aquelles quadrados e quadrilongos ordenada- mente collocados figuram as tropas divididas em varios corpos ou esquadrões,

As pinturas do Cachão da Rapa, por tudo o que vimos, devem ser consideradas como um santuário rupestre do èneolítico ou da idade do bronze.

A própria riqueza pictográfica do conjunto é concorde com a cronologia estabelecida, pois, como está sobejamente consignado, o èneolítico e a idade do bronze fôram invulgarmente florescentes no noroeste peninsular.

A objecção que pode pôr-se de que a escavação a que ali procedi não forneceu o menor fragmento de metal, apesar da terra removida ter sido tôda passada por crivos de rêde apertada, não tem subsistência, porquanto tudo aquilo foi removido e esca- vado, sabe-se lá quantas vezes! Duma dessas escavações nos fala Contador de Argote, como duma cruz de prata (!) que lá teria sido encontrada.

Finalmente, procurarei sintetizar o estudo sobre o Cachão da Rapa, nas seguintes conclusões:

1.<sup>a</sup> As pinturas ficam sobranceiras ao rio Douro e estão feitas na superfície lisa e vertical dum enorme rochedo de granito. A su- perfície em questão olha para poente, lado para onde corre o rio.

2.<sup>a</sup> Julgo que a superfície onde fôram pintados os múltiplos e variados sinais, não foi preparada de antemão, mas simples- mente aproveitada.

---

marchando umas de frente, outras de flanco. Os quadrados maiores, que estão no fundo traçados a duas linhas, (veja-se a nossa fig. 6) tendo cada uma perto de si outro quadrado mais pequeno, são os arraiaes ou acampamentos com seu fosso e estacada. Estes arraiaes mais pequenos costumavam elles fazer ao pé dos maio- res, quando estavam em guerra; e serviam-lhes para se recolherem n'elles, quando eram batidos dos maiores. O serem uns poucos denota que trouxeram alguns dias de marcha até chegarem ao ponto onde se deu a batalha; porque é sabido que os romanos, quando tinham proximo o inimigo, ainda que viessem de marcha não passavam uma noite sem levantar entrincheiramentos; que o exercito que entrou em batalha, constava de varias legiões.»

Tanta imaginação!...

3.<sup>a</sup> O estado de relativa conservação das pinturas explica-se, quer pela própria natureza das côres, que só uma análise química elucidaria, quer pela natural disposição da superfície pintada, em parte protegida no alto por uma pequena saliência ou «pala» do rochedo.

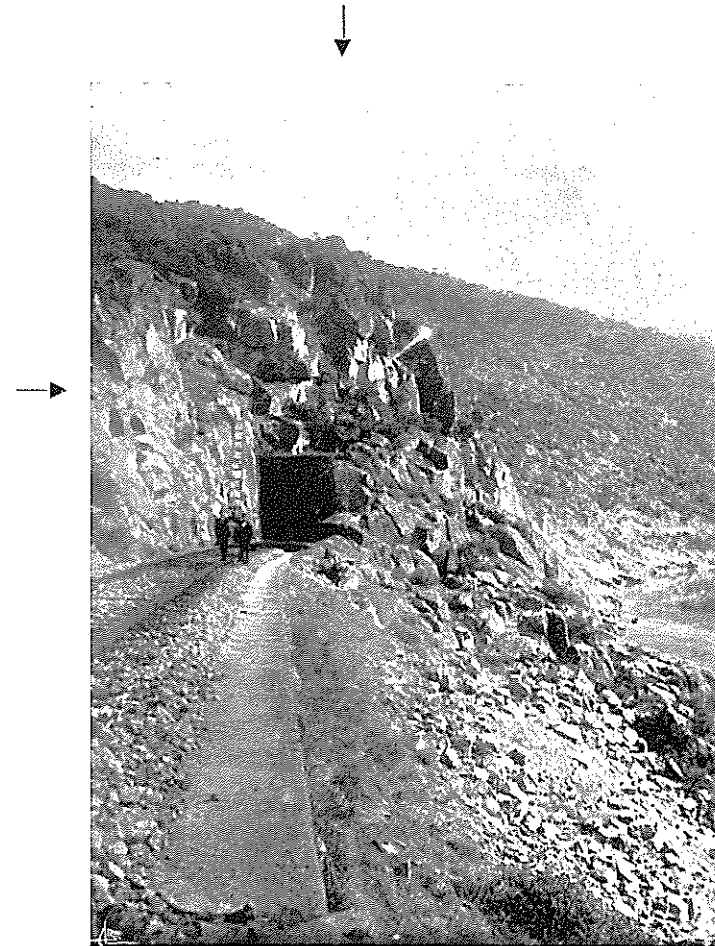
4.<sup>a</sup> As pinturas ocupam uma área de cêrca de 3 metros de altura por 2 de largura.

5.<sup>a</sup> As côres empregadas são um vermelho escuro, côr de borra de vinho, e um azul tão escuro que quási parece negro.

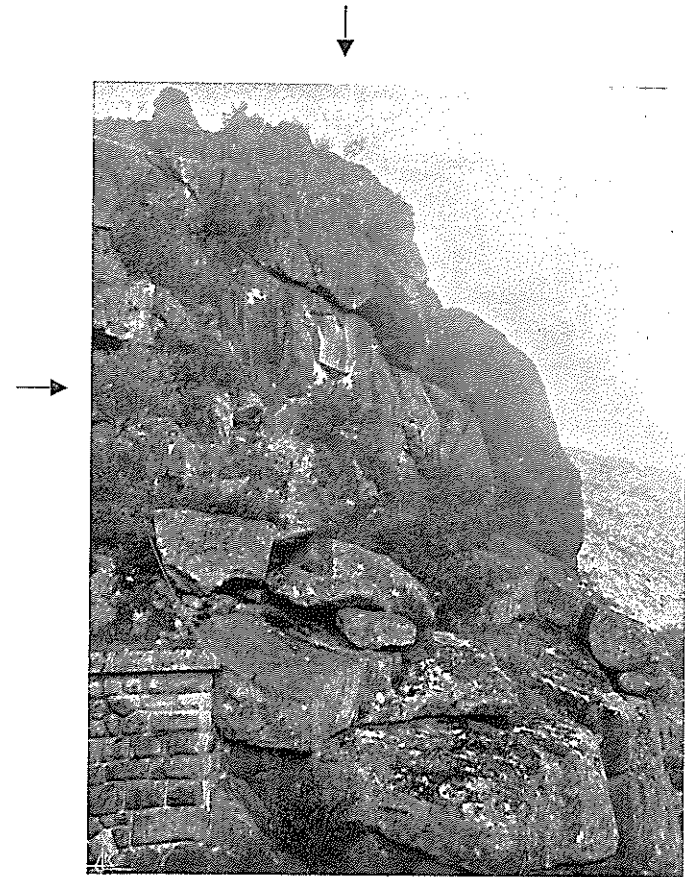
6.<sup>a</sup> Passam de trinta os sinais ainda hoje existentes. Falta a pretensa representação duma figura humana esquemática masculina, e em todos os sinais predomina a esquematização geométrica.

7.<sup>a</sup> Quanto à significação do monumento, poderá estar relacionada com manifestações de culto a que o rio Douro não seria estranho. Terá antes um carácter funerário em relação com inumações feitas próximo daquele sítio? É possível. Não haverá relações causais entre as pinturas e a existência das anfractuosidades subjacentes que o povo designa por *Cova da Moura*? A resposta que com mais probabilidades de acêrto se pode dar, é que, como já atrás disse, se trata dum santuário rupestre.

8.<sup>a</sup> Cronològicamente podemos atribuir as pinturas do Cachão da Rapa ao èneolítico avançado ou à cronologia que procuramos justificar no estudo comparado que delas atrás fizemos.



O Cachão da Rapa visto de poente.  
Por cima do túnel e marcado pelas setas, o local das pinturas,

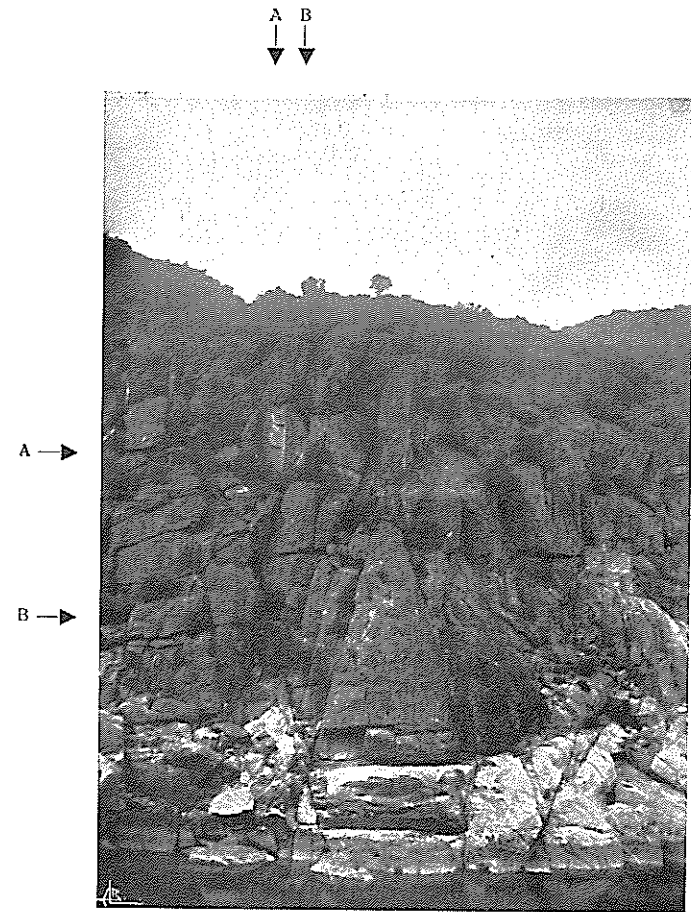


Amontoado granítico sobranceiro ao túnel.  
As setas indicam a rocha pintada, da qual se vê apenas a pala cimeira.

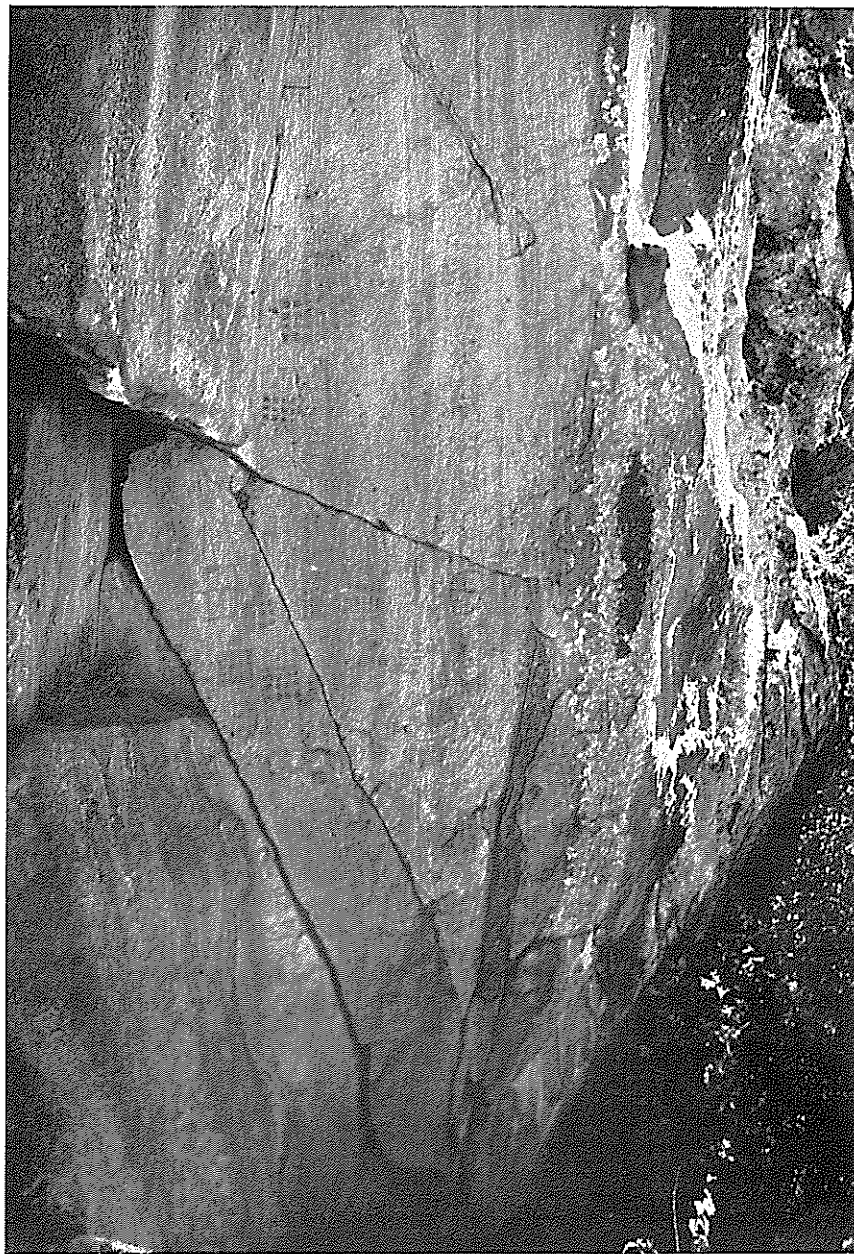


O Cachão da Rapa visto do lado nascente.





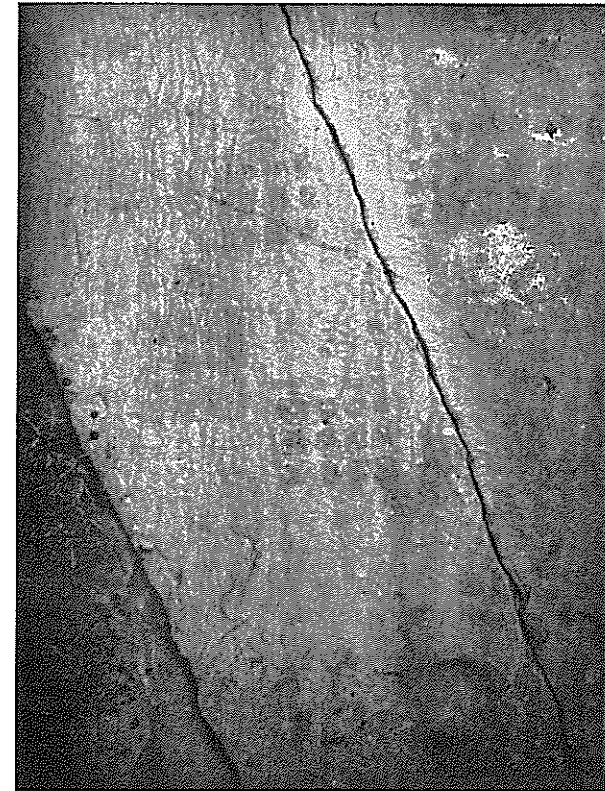
A rude massa granítica do Cachão da Rapa vista da outra margem.  
A — O local das pinturas ou «Curral das Letras»;  
B — As anfractuosidades subjacentes ou «Cova da Moura».



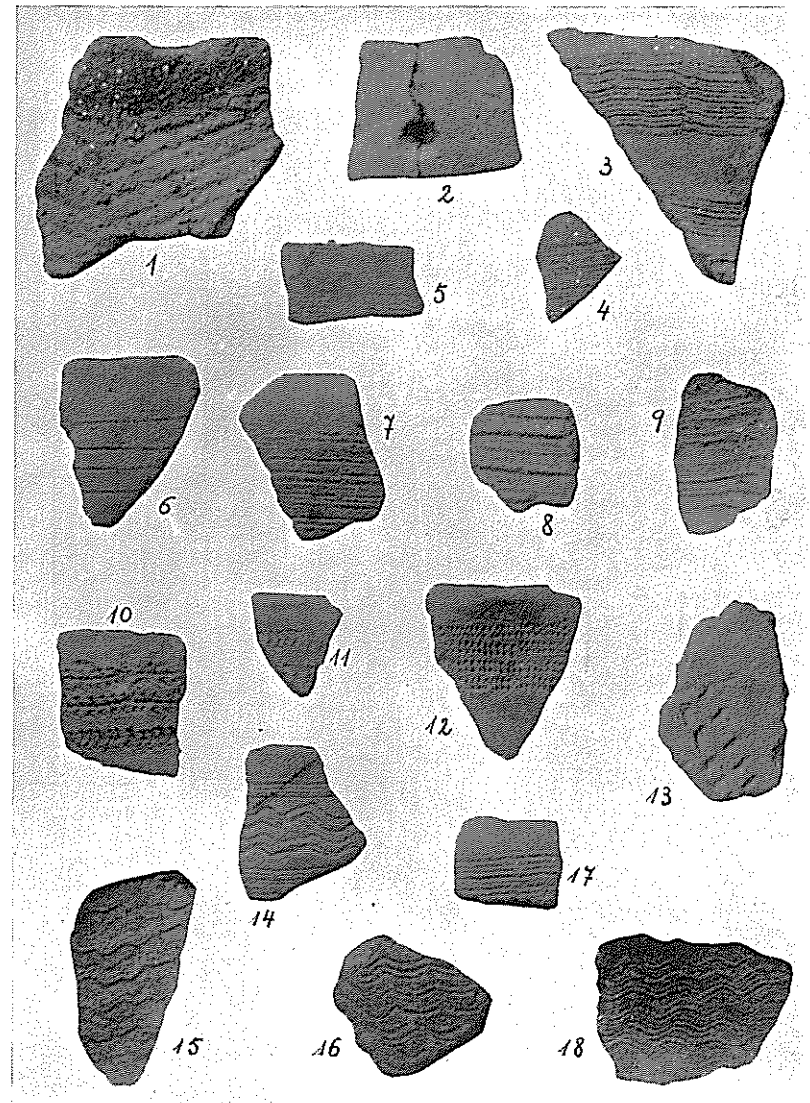
Aspecto do conjunto pictográfico.  
(Os sinais do alto e da esquerda são os melhor conservados e por isso também os mais patentes).



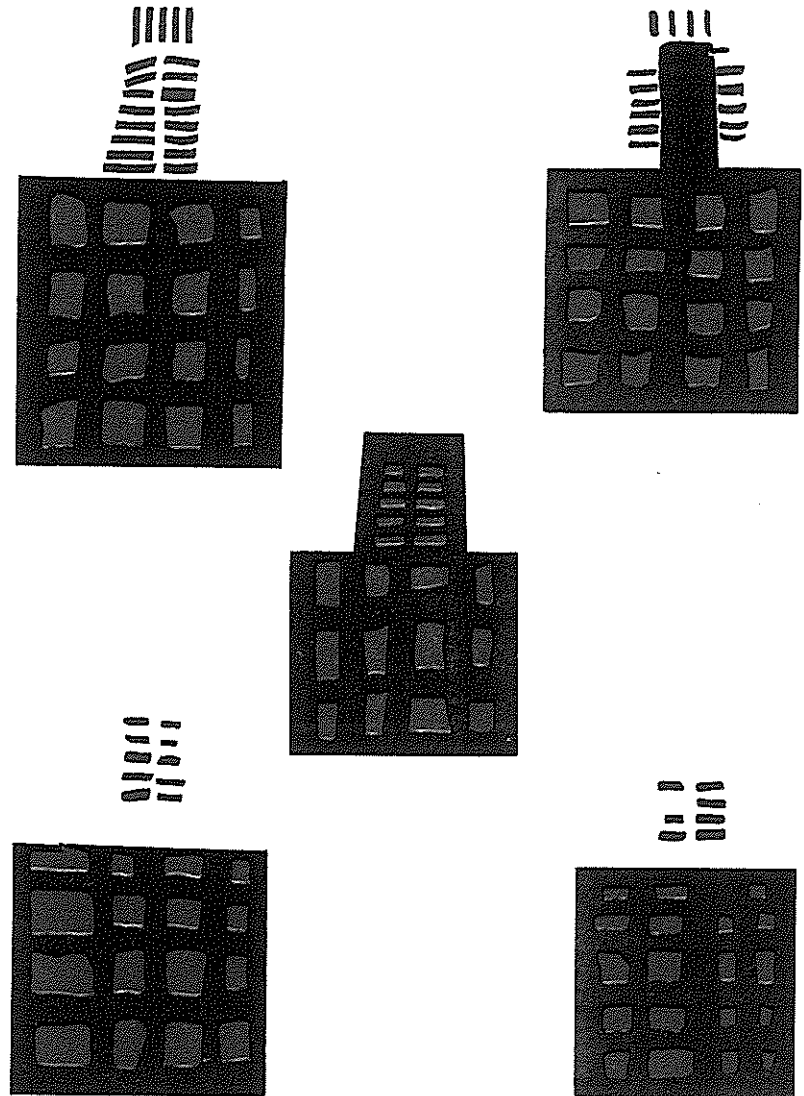
Os mais altos sinais do conjunto.  
(Êstes sinais em xadrez são os melhor conservados).



Por menor do conjunto pictográfico.  
Alguns sinais em xadrez do grupo médio.



Cerâmica manual ornamentada do Cachão da Rapa.



Cinco dos sinais das pinturas do Cachão da Rapa que dadas as semelhanças com os ídolos placas podem ser também considerados como ídolos.